



ANA CAROLINA ASSIS DE ALMEIDA

**MANIFESTAÇÕES DA BRANQUITUDE CRÍTICA E
ACRÍTICA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO
EMBRANQUECIMENTO DO SUJEITO HISTÓRICO MACHADO
DE ASSIS**

**LAVRAS - MG
2022**

ANA CAROLINA ASSIS DE ALMEIDA

**MANIFESTAÇÕES DA BRANQUITUDE CRÍTICA E ACRÍTICA: UMA ANÁLISE
DIALÓGICA DO EMBRANQUECIMENTO DO SUJEITO HISTÓRICO MACHADO DE
ASSIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte
das exigências do Curso de Letras, para a
obtenção do título de Licenciado.

Prof. Dr. Marco Antônio Villarta-Neder
Orientador

**LAVRAS - MG
2022**

RESUMO

Diante da existência do racismo na sociedade brasileira e das tentativas e estratégias de mascaramento de tal fenômeno social, buscamos nos estudos discursivos do campo teórico bakhtiniano elucidar “como sujeitos brancos se posicionam por meio da linguagem na interação dialógica nos enunciados sobre a pertença racial de Machado de Assis e seu embranquecimento?”. Este trabalho tem como objetivo geral analisar a construção étnico-racial do sujeito Machado de Assis em duas campanhas publicitárias realizadas em comemoração ao aniversário do Banco Caixa Econômica Federal. A análise se respalda nos conceitos teóricos do Círculo de Bakhtin, tais como *Arquitetônica*, *Enunciado* e *Corpo*, com o intuito de aprofundar os conhecimentos sobre a construção do sujeito histórico por meio de enunciados e manifestação da branquitude apontados por Lourenço Cardoso. Tal análise tem o intuito de (I) refletir como a *branquitude crítica* e a *branquitude acrítica* (CARDOSO, 2010) se posicionam a partir de sujeitos que se manifestam virtualmente em comentários e (II) como tais enunciados contribuem na construção do sujeito histórico Machado de Assis. E possui como *corpus* duas peças publicitárias e comentários veiculados no *youtube.com* em ambos os vídeos. Este trabalho busca contribuir com reflexões sobre as sutilezas do racismo no Brasil, sobre os discursos da branquitude que se materializam por meio da linguagem e propõe, finalmente, uma abordagem crítica sobre a importância de representatividade de personalidades negras ilustres da cultura brasileira.

Palavras-chave: Enunciado. Corpo. Sujeito. Arquitetônica.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. ENUNCIADO	7
3. CORPO.....	9
4. <i>BRANQUITUDE CRÍTICA E BRANQUITUDE ACRÍTICA</i> : APONTAMENTOS.....	10
5. PEÇAS PUBLICITÁRIAS – CAIXA 150 ANOS	12
6. METODOLOGIA DE ANÁLISE.....	13
7. ANÁLISE DA SELEÇÃO DE COMENTÁRIOS:	14
7.1 Seleção de comentários que representam a <i>branquitude crítica</i> na versão Machado de Assis branco:.....	14
7.2 Seleção de comentários que representam a <i>branquitude acrítica</i> na versão Machado de Assis branco:.....	16
7.3 Seleção de comentários que representam a <i>branquitude crítica</i> na versão Machado de Assis negro:	20
7.4 Seleção de comentários que representam a <i>branquitude acrítica</i> na versão Machado de Assis negro:	21
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS	24

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de diversas discussões sobre relações étnico-raciais no Brasil nos momentos de formação no curso de Letras, dentro e fora do campus universitário. Dentre muitas discussões, o conceito da representatividade da negritude sempre esteve presente, culminando no interesse em desenvolver essa temática de forma mais aprofundada pelo viés dos estudos discursivos do campo teórico do Círculo de Bakhtin.

Desse modo, o *corpus* foi pensado com o propósito de possibilitar a discussão bem como problematizar, analisar e refletir como os sujeitos negros são representados na sociedade brasileira por grandes meios de circulação de informações e também como essas percepções se manifestam publicamente por meio da linguagem.

A mídia oferece um campo fértil de produções passíveis de análise, como é o caso de duas peças publicitárias divulgadas no ano de 2011. Elas são parte da comemoração de 150 anos de fundação do banco Caixa Econômica Federal¹. Escolhidas como parte do objeto de análise, o ilustre escritor Machado de Assis é apresentado primeiramente interpretado por um ator branco. Posteriormente, devido às manifestações contrárias suscitadas de várias organizações da sociedade, a peça publicitária foi interpretada por um ator negro, além de outras modificações pontuais.

Como é de se esperar, muito já foi produzido desde então na esfera social sobre a pertença étnica de Machado de Assis. Estudos no campo da Literatura buscam mostrar como o autor se manifestava e estabelecia um posicionamento crítico em suas obras com relação à sociedade escravocrata que o cercava, muitas vezes de forma subentendida e enviesada. Com relação aos traços físicos, estudos e pesquisadores trataram de reconstruir as características fenotípicas, como cor da pele e textura do cabelo, a partir de relatos e documentos que atestam a negritude dele. A obra intitulada “Machado de Assis Afrodescendente: antologia e crítica” de Eduardo Assis Duarte, publicado pela editora Malê em 2020 é resultado deste esforço em apresentar e reconstruir a memória de um dos mais brilhantes escritores brasileiros.

¹ Vídeo 1: <https://www.youtube.com/watch?v=10P8fZ5I1Wk>

Vídeo 2: https://www.youtube.com/watch?v=XX71Z_7p-As

No entanto, muito ainda há para se fazer sobre essa reconstrução social do autor, que acontece no embate de diferentes vozes na esfera social. Com isso, setores da sociedade manifestaram de diferentes formas seu incômodo, acusando a primeira versão da peça de racismo, discriminação e descaso para com um homem negro de grande talento e notoriedade na área das letras. Estes são de opinião unânime em reconhecer o racismo na peça, que desvencilhou a negritude da figura histórica. Outros não viram problema na retratação do autor por um ator branco. Cabe questionar então, quem são os sujeitos que se manifestaram contra e como acontecem tais manifestações? Neste íterim, encontramos o conceito de *braquitude crítica* e *branquitude acrítica*, fruto de estudos do professor Dr. Lourenço Cardoso. Tais estudos abarcam com maior profundidade os sujeitos brancos que perpetuam o racismo², distinguindo-os em dois grupos.

Este trabalho partindo das duas campanhas publicitárias, tem como objetivo analisar como sujeitos brancos se posicionam por meio da linguagem na interação dialógica, investigando enunciados que evidenciam manifestações racistas provenientes de tais sujeitos.

A análise se respalda nos conceitos teóricos do Círculo de Bakhtin, tais como *Enunciado* e *Corpo*, com o intuito de aprofundar os conhecimentos sobre a construção do sujeito histórico por meio de enunciados e manifestação da branquitude apontados por Lourenço Cardoso.

2 O conceito de racismo norteador deste trabalho é o mesmo desenvolvido pelo Dr. Kabengele Munanga na palestra denominada “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”, na USP, em 2003: “Por razões lógicas e ideológicas, o racismo é geralmente abordado a partir da raça, dentro da extrema variedade das possíveis relações existentes entre as duas noções. Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são conseqüências diretas de suas características físicas ou biológicas”.

Como são utilizados pressupostos bakhtinianos, o recorte tratou de selecionar enunciados que retratam as manifestações dos sujeitos brancos na modalidade comentários, expostos após os vídeos na plataforma *youtube.com*. Dessa forma, os respectivos posicionamentos discursivos puderam ser analisados e possibilitaram uma investigação do fenômeno dialógico na construção do sujeito histórico Machado de Assis.

Este trabalho busca contribuir com reflexões sobre as sutilezas do racismo no Brasil, sobre os discursos da branquitude que se materializam por meio da linguagem a respeito do corpo negro. Propõe por fim, uma abordagem crítica sobre a importância de representatividade e reconhecimento de personalidades negras ilustres da cultura brasileira.

2. ENUNCIADO

Compreender os conceitos elaborados pelo Círculo de Bakhtin envolve elucidar a forma como seus integrantes concebiam a linguagem. Segundo eles, primeiramente era importante diferenciar o conceito de linguagem concebido na Linguística do conceito Dialógico.

Em oposição aos pressupostos estruturalistas, o Círculo percebia que a Linguística não contemplava as possibilidades da linguagem em estabelecer conexões, permanecendo limitada aos estudos das “particularidades sintáticas léxico-semânticas” (BAKHTIN, 2010). Além disso, o viés estruturalista se concentrava nos estudos “enquanto fenômenos puramente linguísticos, ou seja, no plano da língua” como aponta Bakhtin em Problemas da Poética de Dostoievsky (2010). Deste modo, Bakhtin sugere que a Metalinguística seria uma forma de se abordar as relações extralinguísticas. Dessa maneira, o campo teórico dos estudos Bakhtinianos³ surge com o objetivo de contemplar as particularidades percebidas para além das relações sintáticas, buscando aprofundar os estudos linguísticos que priorizavam estabelecer conexões entre sujeitos que coexistem, histórias, discursos e língua em uso.

³ No Brasil, uma das maneiras de se classificar os estudos desenvolvidos por Bakhtin e seu Círculo é nomeando-o como *análise dialógica do discurso* (SILVA, 2013, p. 52), outras vezes como *análise/teoria dialógica do discurso*. (BRAIT, p. 9 – 10).

Por meio da Metalinguística propunha-se estudar as relações dialógicas estabelecidas na linguagem. De acordo com Beth Brait (2016), a análise/teoria dialógica do discurso trata-se de um embasamento constitutivo que “diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados”. (BRAIT, 2016, p.10)

Nesse sentido o Círculo de Bakhtin buscou apresentar o conceito de língua de forma ampla, como processo, fruto de relações com meio social e também com os sujeitos falantes dessa mesma língua. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Volóchinov aponta que “A língua no processo de sua realização prática não poderia ser separada de seu conteúdo ideológico ou cotidiano” (VOLÓCHINOV, 2017, p.181). Fruto de discussões diversas, o Círculo intimamente liga a esfera social à linguagem, incluindo a ideologia como componente deste constructo que desta forma estava em conformidade com a proposta dialógica.

Após elucidar alguns pontos sobre a concepção de linguagem pelo Círculo de Bakhtin, partimos para o conceito de *Enunciado* que advém da perspectiva dialógica. Ele aparece várias vezes ao longo das obras do Círculo, de forma que o conceito é construído progressivamente ao mesmo tempo que não possui uma definição finalizada.

Para além de mero “ato fisiológico da realização do som” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206), a palavra dotada de significado em um contexto social e emitida por sujeitos configura *enunciado*. Os sujeitos emissores estão e são dotados de vivência sócio e ideológica que moldam a linguagem, exteriorizando percepções e concepções de mundo em suas “relações sociais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 206) por meio do dizer. Complementando essa perspectiva plástica em relação ao conceito de enunciado, em outro momento encontramos em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* que “todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta” (VOLÓCHINOV, 2017, p.184).

Outra característica importante cunhada pelo Círculo de Bakhtin em relação ao *enunciado* diz respeito à capacidade de elo entre o enunciado já dito e aquele ainda por dizer. Desta forma, o constructo conceitual de *enunciado* do Círculo de Bakhtin é “de natureza constitutivamente social, histórica e que, por isso, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos” como afirma Beth Brait em *Bakhtin - Conceitos-chave*. (BRAIT, 2014, p. 68)

Em “Verbivocovisualidade no documentário *Histórias de quando a água chegou: ato responsável e diálogo na constituição intersemiótica*”, Villarta-Neder (2019) é explorado o conceito de enunciado de forma mais direcionada à materialidade linguística. Tendo como um dos objetivos do trabalho “promover a discussão de alguns processos de constituição de sujeitos e produção de sentidos” (Villarta-Neder, 2019, p. 1658). A análise realizada pelo autor possui elementos que convergem com a análise que este trabalho se propõe ao apontar que enunciados provenientes de sujeitos são “enunciados de dizer, de fazer, de compreensão e de silêncio”. (Villarta-Neder, 2019 p. 1659 apud Villarta-Neder, 2019)

Deste modo, ao trabalhar com o conceito de *enunciado*, buscamos analisar “as unidades reais do fluxo da linguagem” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 221) em suas múltiplas camadas de construção de sentido. Pois, o conceito de enunciado cunhado pelo Círculo de Bakhtin foi escolhido não só por respaldar a escolha dos comentários como materialidade linguística, como também considerar os sujeitos que o enunciam no ato discurso em questão.

3. CORPO

Em Estética da Criação Verbal, Bakhtin trata de estabelecer uma trajetória tanto discursiva quanto histórica a respeito do conceito *Corpo*. Tal construção é de suma importância para a análise discursiva que se propõe neste trabalho, uma vez que os enunciados em análise reverberam a pertença étnica de Machado de Assis, atribuindo em diversos momentos um *valor* para a representação artística do autor.

Em Bakhtin, *corpo* apresenta “três categorias de percepção subjetivo-corporal” como aponta Teixeira, 2019, sendo elas “eu-para-mim”, “eu-para-o-outro” e “o outro-para-mim”. (TEIXEIRA, 2019, p. 3). Em comum, as três percepções sobre a construção corporal perpassam a linguagem, a ideologia e enunciados, sendo carregada por valores constantes no Círculo de Bakhtin, que

vê o sujeito no âmbito de uma arquitetônica em ⁴que os diferentes elementos que constituem sua fluida e situada identidade estão em

4 O conceito de Arquitetônica desenvolvido neste trabalho é resultado do cotejo de vários conceitos do Círculo de Bakhtin, mobilizado com o intuito de complementar a análise discursiva proposta. Entretanto este conceito pode ser utilizado para além do conceito de Corpo, bem como em interface com outros conceitos do Círculo de Bakhtin.

permanente tensão, em constante articulação dialógica, em permanente negociação de formas de composição, em vez de únicos mecanicamente. (SOBRAL, 2014, p. 105)

Desta forma, *o outro para mim* estabelece relações com a proposta de análise deste trabalho. Ao buscar delinear discursos sobre o *corpo* do outro, o corpo exterior, Bakhtin aponta, pois

O corpo do outro é um corpo exterior, cujo valor eu realizo de modo intuitivo-manifesto e que me é dado imediatamente. O corpo exterior está unificado e enformado por categorias cognitivas, éticas e estéticas, por um conjunto de elementos visuais externos e táteis que nele são valores plásticos e picturais (BAKHTIN, 2011, p. 47)

Logo, de acordo com Bakhtin, o *corpo do outro* está submetido ao julgamento *do outro*. Esse julgamento se dá pela uma construção social, pelo vivenciamento entre sujeitos na esfera social. “Só na vida assim percebida, na categoria de *outro*, meu corpo pode se tornar esteticamente significativo, não, porém, no contexto de minha vida para mim mesmo, não no contexto de minha autoconsciência” (BAKHTIN, 2011, p. 54) grifo do autor.

Ao desenvolver o conceito de corpo, Bakhtin demonstra a constituição social, ideológica e valorativa do *eu* em direção ao *outro*. E o vivenciamento de tal corpo perpassa enunciados e a resultam no acabamento e na construção de sentido de tal corpo. Deste modo, os enunciados que buscamos analisar “fazem” e “dizem” sobre a representação artística do *corpo* do sujeito Machado de Assis, permitindo analisar o posicionamento dos sujeitos na interação verbal. Iremos analisar tal interação sob a ótica dos conceitos de *Branquitude Crítica* e *Branquitude Acrítica*, buscando elucidar percepções do *eu* – sujeito branco em direção ao *outro* - sujeito negro Machado de Assis embranquecido na peça publicitária.

4. BRANQUITUDE CRÍTICA E BRANQUITUDE ACRÍTICA: APONTAMENTOS

Os conceitos de *branquitude crítica* e *branquitude acrítica* são propostos pela primeira vez pelo sociólogo e pesquisador negro Lourenço Cardoso em sua dissertação de mestrado intitulada “*O branco “invisível”*”: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas

sobre as relações raciais no Brasil”, na Universidade de Coimbra, Portugal, no ano de 2008. Os termos cunhados pelo pesquisador partem dos denominados *critical whiteness studies* realizados nos Estados Unidos e Reino Unido. Lourenço Cardoso explica que o termo *branquitude* ganha maiores contornos conceituais a partir dos estudos de Edith Piza e Camila Moreira, e o acréscimo da *crítica* advém dos estudos da Teoria Crítica, de base Marxista. No trabalho intitulado “Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista” (2010), o pesquisador amplia tais discussões.

Por *branquitude* podemos entender que se trata de

um construto ideológico, no qual o branco se vê e classifica os não brancos a partir de seu ponto de vista. Ela implica em vantagens materiais e simbólicas aos brancos em detrimento dos não brancos. Tais vantagens são frutos de uma desigual distribuição de poder (político, econômico e social) e de bens materiais e simbólicos. Ela apresenta-se como norma, ao mesmo tempo em que como identidade neutra, tendo a prerrogativa de fazer-se presente na consciência de seu portador, quando é conveniente, isto é, quando o que está em jogo é a perda de vantagens e privilégios. (SILVA, 2017, p. 27 – 28)

Tal constructo é de suma importância para compreender as relações sociais brasileiras atuais, moldadas pela estrutura colonialista do branco europeu. Desta forma “a branquitude é entendida como resultado da relação colonial que legou determinada configuração às subjetividades de indivíduos e orientou lugares sociais para brancos e não brancos”. (SILVA, 2017, p. 23)

Deste modo, os estudos de Lourenço Cardoso partem da necessidade de se problematizar de forma mais contundente o *lugar outro* que o branco ocupa na sociedade brasileira. Lourenço Cardoso explica que “Assim como se faz necessário definir as diferentes práticas de racismo, igualmente não se pode deixar de distinguir a pessoa ou grupo que pratica racismo” (CARDOSO, 2010, p. 613). Ao buscar tais distinções, o branco se torna objeto de estudo, sendo evidenciado e passível de análise social pois “A teoria a respeito da branquitude “descobre-o” e, finalmente, o conceito branquitude crítica e branquitude acrítica aponta o encobrimento do branco acrítico na própria produção científica referente à identidade branca”. (CARDOSO, 2017, p. 45)

De acordo com Lourenço Cardoso “a branquitude crítica refere-se ao indivíduo ou grupo branco que desaprovam publicamente o racismo. Enquanto que a branquitude acrítica refere-se a branquitude individual ou coletiva que sustenta o argumento em prol da superioridade racial branca.” (CARDOSO, 2010, p. 607)

Em vista disso, as denominações ajudam a compreender melhor as discriminações perpetradas pelos brancos, desde as mais sutis às mais graves, buscando estudar tais práticas para desvendar, apurar e analisar o sujeito branco por detrás de tais atos.

Partindo destes pressupostos, o trabalho busca analisar *enunciados* de sujeitos brancos a respeito das campanhas publicitárias, dialogando assim com alguns dos conceitos do Círculo de Bakhtin.

5. PEÇAS PUBLICITÁRIAS – CAIXA 150 ANOS

As peças em análise são duas de uma série de episódios que contam a história do banco Caixa Econômica Federal. Partindo da área de Relações Públicas e Comunicação Organizacional, Adriana Mattarredona Rabassa e Margareth Michel realizaram um estudo sobre as peças e de como foi administrada a situação-problema ao retratar Machado de Assis branco. No trabalho, elas relatam que “As peças em questão traziam detalhes da história da empresa, estabelecendo relação com seus públicos, e todas elas tinham como slogan a frase CAIXA 150 ANOS. Uma história escrita por brasileiros”. ” (RABASSA; MICHEL, 2015, n.p)

A primeira versão da peça retrata o escritor Machado de Assis sendo interpretado por um ator branco. Lourenço Cardoso aponta que “em uma sociedade racista como a brasileira, as pessoas logo ao nascerem são classificadas em diferentes níveis hierárquicos, aqueles classificados socialmente como brancos gozam naturalmente de privilégios em virtude desta classificação” (CARDOSO, 2010, p. 623). Logo, a escolha por um ator branco é carregada de significação, pois condiz com os valores sociais da nossa sociedade. Esta escolha é portanto ideológica. Este sujeito representa um enunciado, enunciado este “inteiramente um produto da interação social, tanto a mais próxima, determinada pela situação social da fala, quanto a mais distante, definida por todo o conjunto das condições dessa coletividade” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 216). Tal coletividade constituída pelas vozes heterogêneas manifestaram a

insatisfação perante a escolha publicitária. Como apontam Adriana Mattarredona Rabassa e Margareth Michel “essa situação gerou no público em geral uma sensação de injustiça para com a importância histórica dos negros na construção do Brasil, que se manifestaram através das redes sociais e em sites de compartilhamento de vídeos” (RABASSA; MICHEL, 2015, n.p). As autoras destacam não só a manifestação em redes sociais, mas também em órgãos de importância jurídica no Brasil, como SEPPPIR – Secretaria de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial, Ouvidoria Nacional da Igualdade Racial, Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (CONAR), Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República e Ministério Público.

Face ao exposto, a peça foi refeita desta vez com a presença de um autor negro para personificar Machado de Assis e narrada por outro ator, Aílton Graça também negro, ao invés da atriz Glória Pires. As autoras Adriana Mattarredona Rabassa e Margareth Michel destacam também a emissão de uma nota pública por parte do então presidente da Caixa Econômica Federal, pedindo desculpas em nome do banco. Segundo as autoras, “com a atitude, a empresa voltou a receber a simpatia do público, que aprovou a mudança e o pedido de desculpas, mantendo a imagem de credibilidade e popularização da CAIXA para com a sociedade” (RABASSA; MICHEL, 2015, n.p).

No entanto, a campanha publicitária e o “equivoco histórico cometido” (Adriana Mattarredona Rabassa e Margareth Michel, 2015) no ano de 2011 reverberaram na sociedade brasileira e ainda reverberam produzindo *sentidos* e *significações*. Assim, buscamos analisar os enunciados produzidos naquele momento por sujeitos brancos a partir dos dois momentos enunciativos – peça 1 e peça 2 – pelo viés proposto por Lourenço Cardoso, considerando a particularidade de todo enunciado, respondendo a algo e orientando para uma resposta, pois cada enunciado “é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 184)

6. METODOLOGIA DE ANÁLISE

Como Cardoso distingue dois tipos de *branquitude*, foram selecionados comentários que demonstrassem posicionamentos *críticos* e *acríticos*, respectivamente. Como se trata de 2 vídeos, foram criadas quatro seleções de comentários, sendo eles: seleção de comentários que

representam a *branquitude crítica* na versão Machado de Assis branco; seleção de comentários que representam a *branquitude acrítica* na versão Machado de Assis branco; seleção de comentários que representam a *branquitude crítica* na versão Machado de Assis negro; seleção de comentários que representam a *branquitude acrítica* na versão Machado de Assis negro.

As quatro categorias de seleção foram pensadas com o objetivo de possibilitar que os comentários produzidos após a primeira e a segunda versão da peça publicitária fossem analisados tendo em vista a distinção que Lourenço Cardoso propõe.

É importante salientar que os comentários aconteceram em dois momentos diferentes. Isso implica em selecioná-los em grupos distintos, com o objetivo de esclarecer como a construção discursiva a respeito do sujeito Machado de Assis acontece.

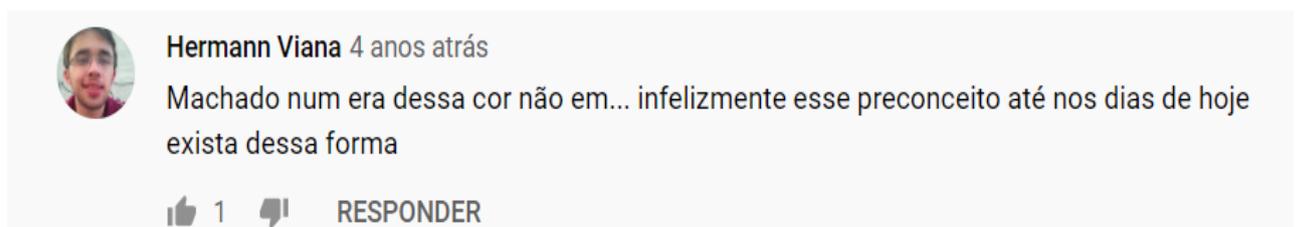
Além disso, os comentários selecionados buscaram por perfis de sujeitos visivelmente brancos por meio de sua foto de perfil na plataforma *youtube.com*. Com isso, buscou-se prezar pela autenticidade quanto a esses perfis, pois é recorrente comentários perpetrados por robôs e perfis *fake* na atualidade brasileira.

7. ANÁLISE DA SELEÇÃO DE COMENTÁRIOS:

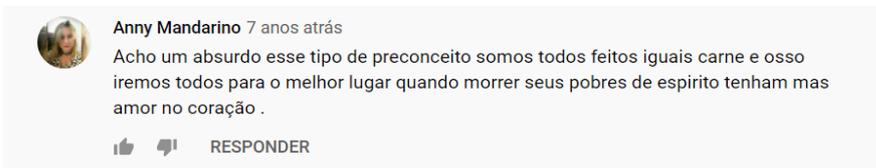
Ao analisar os comentários, observa-se que em ambos os grupos é recorrente o questionamento sobre a pertença étnica-racial de Machado de Assis. Assim, estes enunciados suscitam e apontam a necessidade de se trabalhar o conceito de corpo.

7.1 Seleção de comentários que representam a *branquitude crítica* na versão Machado de Assis branco:

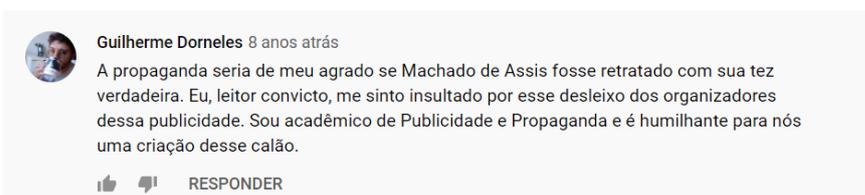
(I)



(II)



(III)



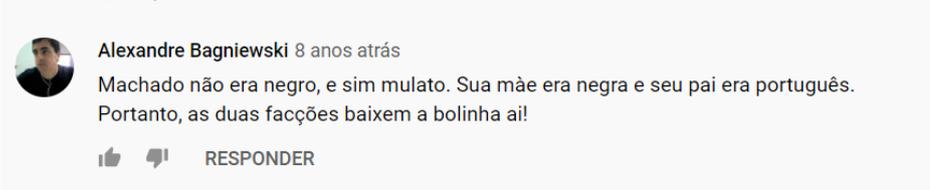
Nos enunciados acima (I), (II) e (III) observamos a manifestação do que Lourenço Cardoso aponta como branquitude crítica. Nela, os indivíduos brancos manifestam publicamente o descaso da campanha para com as características físicas, se referindo a “cor” (I) e “tez” (III) do homenageado. Aqui o corpo como valor é manifesto pois “o corpo não é algo que se baste a si mesmo, necessita *do outro*, do seu reconhecimento e da sua atividade formadora” (BAKHTIN, 2011, p. 47 - 48) destaque do autor.

Os comentários no entanto, não passam de uma crítica à propaganda, de modo que são enunciados que se limitam a enfatizar um erro pontual, minimizando a violência racial. De acordo com Lourenço Cardoso, o sujeito branco crítico “não prega o ódio racial” ao mesmo tempo que “não critica de forma geral o privilégio branco”. (Tabela p.37, CARDOSO, 2017).

Há também a presença do discurso do mito da democracia racial que prega a igualdade partilhando do discurso religioso. Pois “somos todos feitos de carne e osso, iremos todos para o melhor lugar” (II) . Observa-se aí outra manifestação da branquitude crítica, que de acordo com Lourenço Cardoso “ama, convive, “tolera”, “suporta”, hipocritamente com o Outro” (CARDOSO, Tabela p. 37, 2017) uma vez que prega o convívio pacífico. Segundo Cardoso “o branco crítico vive sob o signo da modernidade, a igualdade “em tese” é um desses valores” (CARDOSO, 2017, p. 37), assim como sob o signo da superação das diferenças.

7.2 Seleção de comentários que representam a *branquitude acrítica* na versão Machado de Assis branco:

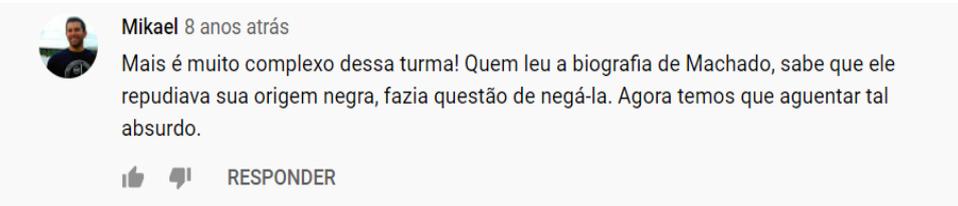
(IV)



Alexandre Bagniewski 8 anos atrás
Machado não era negro, e sim mulato. Sua mãe era negra e seu pai era português. Portanto, as duas facções baixem a bolinha ai!

👍 👎 RESPONDER

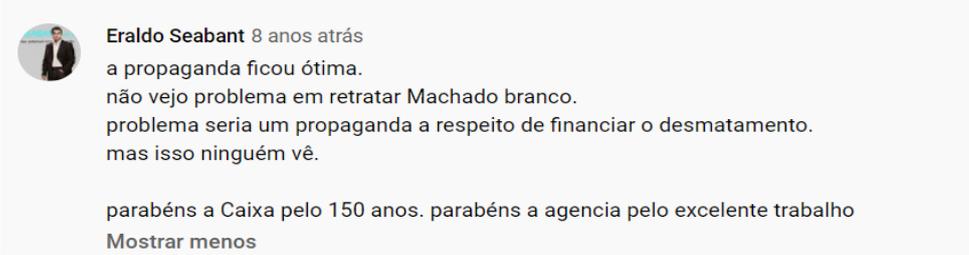
(V)



Mikael 8 anos atrás
Mais é muito complexo dessa turma! Quem leu a biografia de Machado, sabe que ele repudiava sua origem negra, fazia questão de negá-la. Agora temos que aguentar tal absurdo.

👍 👎 RESPONDER

(VI)

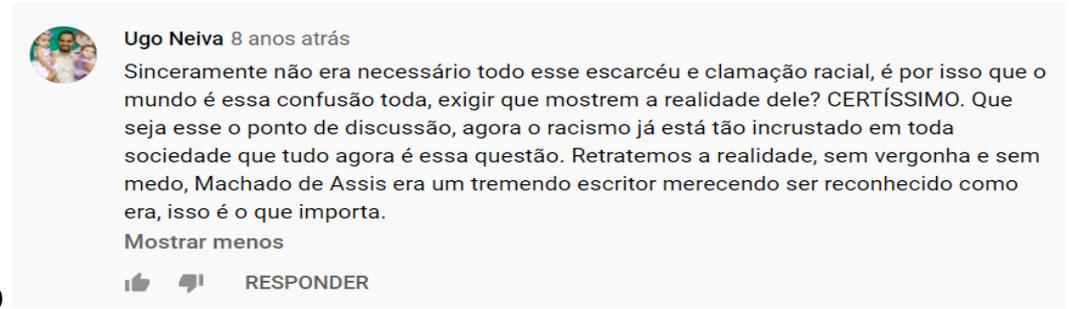


Eraldo Seabant 8 anos atrás
a propaganda ficou ótima.
não vejo problema em retratar Machado branco.
problema seria um propaganda a respeito de financiar o desmatamento.
mas isso ninguém vê.

parabéns a Caixa pelo 150 anos. parabéns a agencia pelo excelente trabalho

Mostrar menos

(VII)



Ugo Neiva 8 anos atrás
Sinceramente não era necessário todo esse escarcéu e clamação racial, é por isso que o mundo é essa confusão toda, exigir que mostrem a realidade dele? CERTÍSSIMO. Que seja esse o ponto de discussão, agora o racismo já está tão incrustado em toda sociedade que tudo agora é essa questão. Retratemos a realidade, sem vergonha e sem medo, Machado de Assis era um tremendo escritor merecendo ser reconhecido como era, isso é o que importa.

Mostrar menos

👍 👎 RESPONDER

Na seção (IV), (V), (VI), e (VII) observamos a manifestação da *branquitude acrítica* por meio de comentários proferidos por sujeitos brancos.

Os enunciados acima demonstram o descaso de sujeitos brancos para com a peça publicitária, sendo possível observar manifestações racistas da *branquitude acrítica* que, segundo Lourenço Cardoso “diz respeito ao branco que não possui crítica em relação ao

racismo. Ele realmente não tem consideração para com o Outro, que para ele poderia nem existir; e aqueles que existem, devem se subordinar a ele.” (CARDOSO, 2017, p. 38)

Os comentários colaboram na construção da imagem de Machado de Assis, por meio de enunciados. São enunciados de fazer-dizer no “qual dizer se torna um fazer, um fazer se torna compreensão, um silêncio se torna um dizer e assim por diante” (VILLARTA-NEDER, 2019, p.1661). Este fazer-dizer é marcado por um posicionamento bem claro: todas as críticas dirigidas à propaganda são ilegítimas e inverídicas pois Machado de Assis não era negro. E mais uma vez constatamos também que estes discursos atribuem na construção do corpo do outro, que é também social e que carrega um “valor” (BAKHTIN, 2011, p. 44).

Há a menção ao termo “mulato” (IV) e retomada da origem de Machado de Assis, este nascido de um relacionamento inter-racial. O dizer provém do sujeito branco que discorda da nova versão da propaganda que busca manter a estrutura racista. Tal manutenção se dá pela suposta neutralidade que o termo “mulato” representa e que o sujeito acredita existir na sociedade. Além disso, ao ser contrário às duas vozes, que denomina por “facções”, o sujeito branco contribui para diminuir a importância das reivindicações sociais e marginaliza grupos que manifestam a pertença racial do autor. Abdias do Nascimento, tece apontamentos sobre o teatro brasileiro em “O Quilombismo” (2019). Nascimento aponta e denuncia o processo de manutenção da estrutura racista instituída na sociedade colonial e perdurando também na sociedade capitalista. Sobre essa manutenção e repetição de marginalização da cultura da história africana e do negro no Brasil, ele afirma que

sob o pálio da assimilação, da aculturação, da miscigenação, um processo de genocídio atravessa toda a história do país, e como um irônico arremate o mito da democracia racial e da luta de classes são as ideologias que, geradas em ventres diversos e opostos, se entrelaçam e compõem o amplo painel ideológico sancionador do racismo, da discriminação racial e do preconceito de cor! (NASCIMENTO, 2019, p. 150)

Em “tremendo escritor” (VII) segue a desvinculação da identidade racial do autor de sua negritude. O sujeito enunciador reconhece o erro publicitário, reconhece que há racismo mas busca em seu comentário minimizar “o escarcéu” e toda a manifestação a respeito desde erro. Segundo Lourenço Cardoso, uma das características da *branquitude acrítica* é não se importar com as múltiplas violências que o negro possa sofrer pois “No caso do racismo para

o branco acrítico, *não há nenhum problema* em o negro ser maltratado, discriminado injustamente, receber violência física ou moral, e até ser assassinado por ser negro. Afinal, trata-se de um negro, um ser inferior”. (CARDOSO, 2017, p. 38)

Esta desvinculação da identidade do negro em ascensão social é discutida por Neusa Santos Souza, no livro “Tornar-se negro”, obra que busca investigar o ser negro na sociedade brasileira, uma sociedade reconhecidamente racista. Os estudos de Neusa Santos Souza partem de discursos provenientes de sujeitos negros em ascensão social. A autora é enfática em apontar em suas conclusões que à medida que o negro ascende socialmente sua identidade racial e tudo que remete a sua herança ancestral negra tende a ser esvaída diante das imposições e demandas da sociedade, que por sua vez defende valores e a hegemonia branca.

É a autoridade estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio, nesta nossa sociedade classista, onde os lugares de poder e tomada de decisões são ocupados hegemonicamente por branco. Ela é quem afirma: “o negro é o outro do belo”. É esta mesma autoridade quem conquista, de negros e brancos, o consenso legitimador dos padrões ideológicos que discriminam uns em detrimento de outros. (SOUZA, 1983, p. 29)

Quando sujeitos brancos comentam “não vejo problema em retratar Machado de Assis branco” (VI) ou em (IV) quando apontam o autor como fruto de um relacionamento inter-racial e portanto “mulato” ou ainda em “Quem leu a biografia de Machado, sabe que ele repudiava sua origem negra, fazia questão de negá-la” (V) é possível perceber o processo de embranquecimento apontado por Neusa Santos Souza na sociedade brasileira, embranquecimento este perpetrado por sujeitos dentro de uma sociedade racista.

Em consonância com Souza, Tânia Müller e Monique Gadioli (2017) no livro intitulado “Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil” afirmam que

A desvalorização da raça negra em relação à raça branca culmina na negação das características dos fenótipos dos não brancos. Mesmo diante dessa constatação, ainda hoje o desejo por branquear é concebido como um problema do negro, como se fatores externos nada influenciasse nesse desejo (MÜLLER; GADIOLI, 2017, p. 290)

As autoras continuam tecendo apontamento sobre a elite branca que “desconsidera, intencionalmente, todos os fatores construídos por ela mesma, que desprezam a identidade

negra” (MÜLLER; GADIOLI, 2017, p. 290). Estas manifestações de desvalorização da negritude pela *branquitude acrítica* emergem em enunciados como “não vejo problema em retratar Machado de Assis Branco” (VI) e “agora o racismo já está tão incrustado em toda sociedade que tudo agora é essa questão” (VII).

Ou seja, é possível afirmar que há a construção da imagem de Machado de Assis a partir de sujeitos brancos. Esses sujeitos promovem um embranquecimento do autor desde a primeira versão da peça publicitária. Esta construção persiste, passando pelos enunciados que reverberam tais valores, ora desvinculando o autor de suas características físicas como cor, ora desqualificando a importância em representar o autor de forma condizente com suas características negras ou ainda classificando Machado como “mulato”.

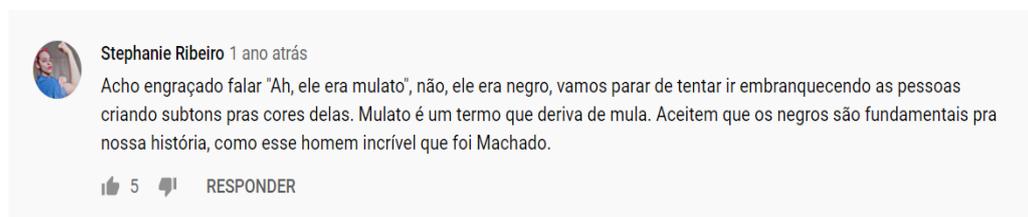
É importante salientar que classificações identitárias são também construções sociais. O teórico e sociólogo Stuart Hall, de forma ampla, trabalha os conceitos de identidade e políticas de identificação em várias obras. Dentre outros conceitos, o de *construcionismo cultural* colabora com o viés da identidade que este trabalho busca dialogar. De acordo com Zubaran, 2016, em seu trabalho intitulado “Stuart Hall e as Questões Étnico Raciais no Brasil Cultura, Representações e Identidades”, define por construcionismo cultural “os significados (e, por conseguinte, as representações culturais) não são o mero reflexo de uma suposta realidade objetiva e tampouco a manifestação de uma vontade subjetiva” (p. 32-33). Assim, para Stuart Hall, os significados

são constantemente produzidos (construídos) através das práticas sociais, as quais são sempre historicamente situadas e atravessadas por relações de poder. É a partir dessa perspectiva, portanto, que Hall nos desafia a colocar em ação uma política cultural voltada à transformação e à subversão das representações naturalizadas que estão na base não apenas do racismo, mas também de todo e qualquer tipo de colonização. (ZUBARAN et al. 2016 p. 33)

Deste modo, os enunciados em análise nos permitem compreender que parte da sociedade racista não concebe ou concebe de forma desconfortável um escritor tão bom, tão importante, tão renomado, ilustre cliente do Banco Caixa Econômica como homem negro, ao mesmo tempo que, quando retratado como branco, o sujeito não causa estranheza na *branquitude acrítica*.

7.3 Seleção de comentários que representam a *branquitude crítica* na versão Machado de Assis negro:

Como já mencionado, Lourenço Cardoso classifica como *branquitude crítica* aquele grupo composto por sujeitos brancos que possuem certa sensibilidade para com as questões étnico-raciais.



(VIII)

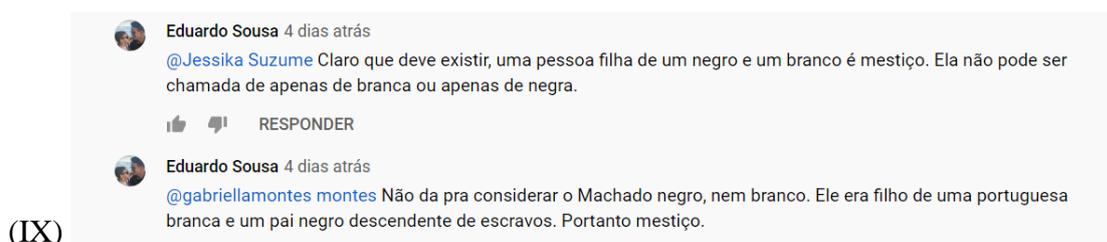
No comentário acima (VIII), há manifestação sobre corpo do homenageado, ressalvas e uma severa crítica quanto ao uso do termo “mulato”, termo utilizado nos comentários de outros sujeitos na página, que questionam a não pertença do escritor ao grupo de negros. O enunciado acima (VIII) evidencia a resposta a algo dito anteriormente, enunciado este em interação com enunciados ditos anteriormente e, portanto, estabelecendo um diálogo. Finalmente, há a ênfase de associar e reconhecer que sim, o autor Machado de Assis era negro.

Ao utilizar o termo “vamos”, verbo conjugado em primeira pessoa do plural, o sujeito se coloca como integrante do grupo que está de forma equívoca “embranquecendo as pessoas”. E em “criando subtons pras cores delas” é possível perceber um distanciamento entre grupos, entre o *nós* e o *eles*. Este distanciamento é repetido em relação aos sujeitos que devem aceitar “que os negros (eles) são fundamentais para nossa história”. Este distanciamento, segundo Bakhtin, é fundamental para a construção do eu e do outro no discurso. E a partir deste distanciamento, “a imagem externa pode ser vivenciada como uma imagem que conclui e esgota o outro, mas eu não a vivencio como algo que me esgota e me conclui”. (BAKHTIN, 2011)

O comentário (VIII) em análise se caracteriza como proveniente do grupo crítico, aquele grupo que em alguma medida manifesta sua intolerância para com atos racistas e discriminatórios ao mesmo tempo se reconhece como pertencente ao grupo de brancos. Para

Müller e Gadioli, 2017, parafraseando Cardoso, “a branquitude crítica censura o racismo publicamente; não recrimina os privilégios dos brancos; mas defende a igualdade”. Assim, esta manifestação enunciativa da *branquitude crítica* presente na peça publicitária com o ator negro, apesar de colaborar em certa medida com o posicionamento antirracista, permanece dicotômica pois estabelece um distanciamento entre o eu e o outro, que não possibilita uma construção que colabore com o rompimento da estrutura social que oprime negros na sociedade brasileira.

7.4 Seleção de comentários que representam a *branquitude acrítica* na versão Machado de Assis negro:

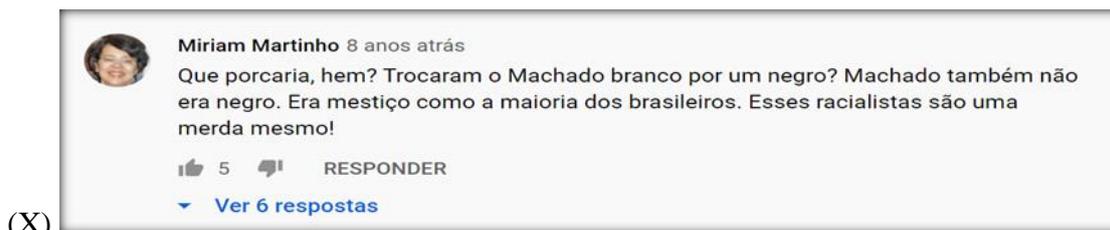


Para Gadioli e Müller (2017), “a branquitude acrítica, por sua vez, levanta a bandeira da superioridade branca de forma natural, linear; protege suas regalias; desconsidera radicalmente os princípios de igualdade; são regidos pelo ódio aos não brancos”. Os comentários presentes em (IX) não consideram a classificação “mestiço” como problemática, nem como violenta com as pessoas negras ou grupo, de modo que ao ser classificado como tal. Machado de Assis está mais próximo da branquitude e mais distante da negritude. Em comparação, na peça que retrata Machado de Assis Branco, sujeitos brancos não encontravam problemas (IV) e (VI). Entretanto, ao ser retratado como Negro, sujeitos brancos manifestam sua insatisfação (IX), (X).

Nos enunciados acima, (IX) observamos mais uma vez a contestação à pertença racial de Machado de Assis por um sujeito branco. Ambos os enunciados respondem a interlocutores que se manifestaram anteriormente e em ambos o sujeito branco é enfático em afirmar que Machado de Assis era mestiço e não negro.

Como apontado anteriormente, o autor Machado de Assis é destituído de suas características físicas negras, embranquecido, e logo apontado como mestiço. Mestiço é, portanto, mais próximo do ideal branco proveniente da branquitude. Segundo Müller e Gadioli (2017) “A branquitude naturaliza o racismo e em contrapartida, invisibiliza a raça branca e seus privilégios. É fundamental para uma luta antirracista problematizar as questões raciais, logo dizer que agora tudo é racismo, nada mais é que mais uma tática para a manutenção das benesses branca”. (p. 290)

Essa tática de “agora tudo é racismo” foi explorada em (V) e (VII), enunciados provenientes da *branquitude acrítica*, e agora, em (X), podemos observar a mesma estratégia além de criticar a versão corrigida da peça como “porcaria” e apontar mais uma vez a “mestiçagem”.



Em “esses racialistas” (X), um distanciamento entre o *eu* e o *outro* é estabelecido. Tal enunciado reproduz e reafirma a estratégia da branquitude já apresentada por Müller e Gadioli (2017).

Este último foi retirado no dia 30/09/2020. Os demais em 24/10/19.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar a construção étnico-racial do sujeito Machado de Assis em duas campanhas publicitárias realizadas em comemoração ao aniversário do Banco Caixa Econômica Federal. Esta análise teve como intuito refletir como a *branquitude crítica* e a *branquitude acrítica* (CARDOSO, 2010) se posicionam a partir de sujeitos que se manifestam virtualmente em comentários e como tais enunciados contribuem na construção do sujeito histórico Machado de Assis.

Como aponta Lourenço Cardoso em “Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista” de 2010 e reforça em “A branquitude acrítica revisitada e as críticas”, de 2017, investigar as manifestações da branquitude, principalmente a *acrítica* não é tarefa fácil. Adentrar o território hegemônico e confortável dos sujeitos sociais brancos em posições hegemônicas requer estratégias e posicionamentos, que muitas vezes podem ser divergentes e desconfortáveis. Ainda assim, é fundamental que a branquitude seja objeto de estudos, assim como a negritude nos últimos anos tem sido objeto de estudo nas mais diferentes áreas.

Ao longo dos comentários, podemos constatar os posicionamentos que os sujeitos brancos tiveram frente a pertença racial de Machado de Assis em dois momentos de produção das propagandas. Os enunciados revelaram que a construção e forma como o sujeito histórico é concebido perpassa um conjunto de valores adquiridos do âmbito social. Esta aquisição acontece por meio da língua, na materialidade linguística de enunciados e por diferentes vozes na esfera social.

Como foi verificado, muitos enunciados dizem sobre o corpo do sujeito histórico. Isso nos permitiu refletir sobre os posicionamentos dos sujeitos brancos frente a identidade racial de Machado de Assis proposta pelas duas propagandas. É perceptível tanto em comentários provenientes da *branquitude acrítica* como da *branquitude crítica* a construção social sobre o outro, e por sua vez detectar e investigar o racismo em vários comentários perpetrados pela branquitude.

Já o conceito de Arquitetônica contribuiu para complementar os conceitos de Enunciado e Corpo, que pertencem ao rol de conceitos teóricos e filosóficos do Círculo de Bakhtin. Ao pensar o movimento de construção de um corpo social, uma constante no objeto de estudo, é pertinente buscar em o “outro pra mim” como se dá tal construção de Machado de Assis na esfera social.

Acredito que este trabalho contribui para a área de estudos de linguagem ao trabalhar os conceitos do Círculo de Bakhtin junto aos estudos sociais que buscam conhecer a negritude, mas também a branquitude no âmbito da sociedade brasileira. Além disso, trabalhar a figura histórica de Machado de Assis na área de linguagens e literatura, perante a grandeza do autor e de suas obras é sempre uma honra. Dessa forma, busco afirmar a pertença étnica-racial do

autor, para que sua memória literária assim como a de homem negro não seja esquecida ou embranquecida.

Acredito que a proposta de se analisar a *branquitude crítica e acrítica* por meio da análise do discurso e dos conceitos de Círculo de Bakhtin podem ser trabalhadas em outras situações sociais, contribuindo para problematizar e ampliar os saberes sobre a branquitude no Brasil.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. 1963.

BAKHTIN, M. M. **Estética da Criação Verbal**. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAIT, B. **Análise e Teoria do Discurso** In: BRAIT, B. Org. Bakhtin: Outros Conceitos-Chave. 2.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

CARDOSO, L. **Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista**. Revista Latinoamericana de ciências sociais, niñez y juventude, v.8. p. 607 – 630, 2010.

MUNANGA, K. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. USP, 2003. Disponível

em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>

NASCIMENTO, A. **O Quilombismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.m

GADIOLI, M. F.; MÜLLER, T. M. P. **Branquitude e Cotidiano Escolar**. In Müller, T. M. P.; Cardoso, L. Branquitude – estudos sobre a identidade branca no Brasil. Appris, Curitiba, 2017.

RABASSA A. M.; MICHEL, M. **Comunicação de Crise em Episódio de Propaganda Institucional** – O caso da Caixa Econômica Federal. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul; Joinville – SC, 2015.

SILVA, A. P. de F. e.; Capítulo 2: Bakhtin,.In. OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Estudos do Discurso: perspectivas teóricas**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial. p. 45 – 69. 2013.

SILVA, P. E. da. **O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo**. In Müller, T. M. P.; Cardoso, L. Branquitude – estudos sobre a identidade branca no Brasil. Appris, Curitiba, 2017.

SOBRAL, A. **Ético e estético: Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas**. In: BRAIT, B. Org. Bakhtin: Conceitos-Chave. 5. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2014

SOUZA, N. S. **Tornar-se Negro: As vicissitudes da Identidade do Negro Brasileira em Ascensão Social**. Rio de Janeiro Edições Graal. Coleção Tendências, v.4. 2ª ed. 1983.

TEIXEIRA, M. D. **Considerações sobre o corpo em Mikhail Bakhtin**. Voluntas: Revista Internacional de Filosofia. v.10, 2019.

VILLARTA-NEDER, M. A. **Verbivocovisualidade no documentário Histórias de quando a água chegou: ato responsável e diálogo na constituição intersemiótica**. Estudos Linguísticos. São Paulo, 1978. v. 48. n. 3, p. 1657-1672. dez. 2019.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo. Editora 34, 2017.

ZUBARAN, M. A.; WORTMANN, M. L.; KIRCHOF, E. R.; **Stuart Hall e as Questões Étnico-Raciais no Brasil: Cultura, Representações e Identidades**. Projeto História, São Paulo, n. 56, 2016.